

Arte Comentada 3

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

 **Atena**
Editora

Ano 2020

Arte Comentada 3

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

 **Atena**
Editora

Ano 2020

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremonesi

Karine de Lima

Luiza Batista 2020 by Atena Editora

Maria Alice Pinheiro Copyright © Atena Editora

Edição de Arte Copyright do Texto © 2020 Os autores

Luiza Batista Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Revisão Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora

Os Autores pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Instituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

- Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Dr^a Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof^a Dr^a Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Prof^a Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof^a Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof^a Dr^a Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof^a Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Prof^a Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Prof^a Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof^a Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof^a Dr^a Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Prof^a Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Prof^a Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco

Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário: Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Luiza Batista
Edição de Arte: Luiza Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Ivan Vale de Sousa

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

A786 Arte comentada 3 [recurso eletrônico] / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-5706-227-2
DOI 10.22533/at.ed.272202407

1. Arte – Crítica e interpretação. 2. Arte – Filosofia. I. Sousa, Ivan Vale de.

CDD 707

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A arte, neste e-book, dá textura e compõe os sentidos que estão presentes em cada um dos capítulos, comentados e discutidos por seus autores, reafirmando a necessidade de existência da arte. A arte constitui-se na experiência dos sujeitos com a obra e da obra com seus apreciadores, pois todos nós temos uma relação de aproximação com o fazer artístico como representação das atitudes humanas.

É preciso compreender quantos segredos podem ser descobertos em cada modalidade artística e quantas artes podem ser comentadas. A arte nos possibilita viajar sem que saíamos do lugar de origem, ela nos envolve em um processo de planejamento, apreciação, produção e análise, pois as redes de saberes artísticos inserem os sujeitos em um processo contínuo de investigação.

A arte constitui-se a partir de um objeto artístico em que tal objeto pode ser interpretado pelo olhar do observador, pois a reconstrução interpretativa de cada obra de arte é única, nenhum olhar é igual ao outro ao observar as nuances, os sentidos e os sentimentos que as obras de arte possibilitam. O que seria de nós sem o papel essencial da arte?

Desde a pré-história, já nas chamadas pinturas rupestres, percebemos que as marcas artísticas vêm sendo adaptadas aos contextos de utilização. Embora como muitos pensam a arte não tem apenas o poder de encantar, mas também de problematizar questões e propor as soluções para os contextos comunicativos, poéticos e estéticos.

As linguagens artísticas exigem planejamento para sua execução e podem ser percebidas tanto no teatro, na dança, nas artes visuais, nas artes cênicas quanto na música. Assim, a arte é vista como experiência e a principal e maior vivência artística está na constituição do texto em que os saberes poéticos e estéticos são e podem ser compartilhados nas possibilidades contextuais.

Todos os capítulos que dão forma a este e-book trazem os leitores para os contextos mágicos, eficazes e necessários possibilitados pela arte. Com isso desejamos excelentes reflexões e que o colorido dos trabalhos os auxilie na coloração do mundo desbotado, pois a experiência da arte fortalece-se, reconstrói-se e estabiliza-se na instabilidade de olhares apreciativos atento às pinceladas, aos passos marcados, às feições, aos sons e ao deslizar da caneta no papel tornando o texto uma prosa poética, artística e iluminada no palco da existência.

Ivan Vale de Sousa

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A HISTÓRIA DA ARTE, A OBRA DE ARTE E A FASCINANTE REALIDADE DA AMBIGUIDADE VISUAL.	
Sandra Makowiecky	
DOI 10.22533/at.ed.2722024071	
CAPÍTULO 2	16
ELA É: UMA PERFORMANCE <i>DRAG</i> COMO EXERCÍCIO ARTÍSTICO-POLÍTICO	
Lívia Rocha Helmer	
Reyan Perovano	
DOI 10.22533/at.ed.2722024072	
CAPÍTULO 3	24
O QUE É NECESSÁRIO PARA SE FAZER UMA FOTOGRAFIA: PERCEPÇÕES DE ESTUDANTES DO 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL	
Cristiane Martins	
Rossano Silva	
DOI 10.22533/at.ed.2722024073	
CAPÍTULO 4	34
ESPOSAS, MARIDOS E CASAMENTOS: O DES(AMOR) COMO SIGNIFICADO NA ARTE CONTEMPORÂNEA	
Natasha Satiko Miamoto	
João Paulo Baliscei	
DOI 10.22533/at.ed.2722024074	
CAPÍTULO 5	48
MULHER-MARAVILHA: REPRESENTAÇÃO SOCIOCULTURAL NA CINEMATOGRAFIA	
Gabriella Maidana de Mello Miranda Gonçalves	
Claudia Priori	
DOI 10.22533/at.ed.2722024075	
CAPÍTULO 6	61
CRAVO BRASILEIRO, COM CERTEZA	
Rosana Lanzelotte	
Carlo Arruda	
DOI 10.22533/at.ed.2722024076	
CAPÍTULO 7	72
DESENHO DE MEMÓRIA NA DEFICIÊNCIA VISUAL	
Ivan Vale de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.2722024077	
CAPÍTULO 8	82
O ENCONTRO E A FUGA DA CIÊNCIA E DA FICÇÃO CIENTÍFICA NO CINEMA NACIONAL E NA HISTÓRIA DO POVO BRASILEIRO	
Vitor de Almeida Sawaf	
DOI 10.22533/at.ed.2722024078	

CAPÍTULO 9	94
REFLEXÕES SOBRE A INFLUÊNCIA DE FATORES CULTURAIS NOS PROCESSOS DE ENSINO-APRENDIZAGEM MUSICAL DE PROFESSORES	
Lisiane Mari de Souza Mendes	
DOI 10.22533/at.ed.2722024079	
CAPÍTULO 10	105
A MÚSICA E O CÉREBRO EXECUTIVO NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO INFANTIL	
Maria Clotilde H. Tavares	
Sandra F. C. Dourado Freire	
DOI 10.22533/at.ed.27220240710	
CAPÍTULO 11	117
HETEROGÊNESE EM DISPOSITIVOS FOUCAULTIANOS NA EXPERIMENTAÇÃO COM ARTE E TECNOLOGIA	
Leonardo da Silva Souza	
DOI 10.22533/at.ed.27220240711	
CAPÍTULO 12	130
EXEMPLOS DE <i>EPIZEUXIS</i> EM JOSÉ JOAQUIM EMERICO LOBO DE MESQUITA	
Eliel Almeida Soares	
Rubens Russomanno Ricciardi	
DOI 10.22533/at.ed.27220240712	
CAPÍTULO 13	143
AS REPRESENTAÇÕES DE FAMÍLIA (IM)PERFEITA NAS VISUALIDADES DA ARTE CONTEMPORÂNEA:UM ESTUDO INICIAL SOBRE REPRESENTAÇÕES	
Natasha Satico Miamoto	
João Paulo Baliscei	
DOI 10.22533/at.ed.27220240713	
CAPÍTULO 14	151
ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE A OBSERVAÇÃO E A PARTICIPAÇÃO COMO RITMISTA	
Michele de Almeida Rosa Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.27220240714	
CAPÍTULO 15	158
<i>ANIMALIS IMAGINIBVS</i> – (AS)SIMETRIAS ENTRE ARTE E CIÊNCIA NA OBRA DE MAURO ESPÍNDOLA	
Daniela Remião de Macedo	
DOI 10.22533/at.ed.27220240715	
CAPÍTULO 16	167
RE-TRATO FEMININO	
Maria de Fátima Gonzaga	
DOI 10.22533/at.ed.27220240716	

CAPÍTULO 17	175
UM <i>PODCAST</i> MUSICADO E SEU USO COMO RECURSO INTERDISCIPLINAR	
Thércio Lima Menezes Paulo Roberto Affonso Marins Eloisa Assunção de Melo Lopes	
DOI 10.22533/at.ed.27220240717	
CAPÍTULO 18	185
OBSERVADORES EFÊMEROS E IMAGEM-SINTOMA EM PETER BRUEGHEL: UMA CONEXÃO COM GEORGES DIDI-HUBERMAN	
Ilma Guideroli	
DOI 10.22533/at.ed.27220240718	
CAPÍTULO 19	192
ANÁLISE DO MAXIXE “DUETO DE LUMINÁRIAS E DIABO”: COPLA PARA CANTO E PIANO DA MÁGICA - A BOTA DO DIABO	
Renata Freitas Borges Flávio Cardoso Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.27220240719	
CAPÍTULO 20	204
A TRAJETÓRIA DE JEAN ROUCH E UMA ANÁLISE DO FILME <i>A PIRÂMIDE HUMANA</i>	
Eduardo Antonio Ramos Silva	
DOI 10.22533/at.ed.27220240720	
SOBRE O ORGANIZADOR	213
ÍNDICE REMISSIVO	214

MULHER-MARAVILHA: REPRESENTAÇÃO SOCIOCULTURAL NA CINEMATOGRAFIA

Data de aceite: 01/07/2020

Data de Submissão: 20/04/2020

Gabriella Maidana de Mello Miranda Gonçalves

Licenciada em Artes Visuais, pela Universidade Estadual do Paraná UNESPAR-Campus de Curitiba II.

Curitiba – Paraná

E-mail: gabimaidanamiranda@gmail.com

Claudia Priori

Professora Adjunta do Curso de Licenciatura em Artes Visuais, da Universidade Estadual do Paraná, Campus de Curitiba II/FAP. Doutora em História (UFPR/2012). Docente no Programa de Pós-Graduação em Cinema e Artes do Vídeo, da Universidade Estadual do Paraná, Campus de Curitiba II/FAP. Líder do Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação, Diversidade e Cultura (GEPEDIC/CNPq), da Universidade Estadual do Paraná, Campus de Campo Mourão.

Curitiba – Paraná

E-mail: claudia.priori@unespar.edu.br

Resumo: Este trabalho tem como objetivo apresentar uma análise comparativa da super-heroína Mulher-Maravilha e suas representações sociais entre seu *debut* nas histórias em quadrinhos (HQs) de 1941

e o processo cinematográfico de 2017. Buscando compreender a trajetória da personagem traçamos a contextualização de sua construção, nos atentando tanto aos acontecimentos históricos que contribuíram para a personificação da Mulher-Maravilha, quanto aos aspectos socioculturais aceitos como modelo para as mulheres da época, assim como nos detivemos na experiência de vida de seu criador, William Marston, que direcionou o ato de criação da heroína. Também analisamos o contexto sociocultural que resultou na criação cinematográfica da super-heroína na contemporaneidade. Para isso, nos pautamos nos estudos do cinema e das questões de gênero, e utilizamos como procedimentos metodológicos a análise bibliográfica e a análise comparativa entre as características presentes na estreia das HQs quanto no filme Mulher Maravilha (2017), com o intuito de identificar e perceber as semelhanças e diferenças nos discursos das representações sociais acerca da personagem Mulher-Maravilha, abordando as caracterizações visuais e o contexto sociocultural de cada período.

Palavras-chave: Mulher-Maravilha; Feminismo; Patriarcado; Representação; Cinema.

Abstract: This work aims to present a comparative analysis of the superheroine *Wonder Woman* and its social representations between her *debut* in the comic books (HQs) of 1941 and the cinematographic process of 2017. Seeking to understand the trajectory of the character we trace the contextualization of her construction, paying attention both to the historical events that contributed to the personification of *Wonder Woman*, as well as to the sociocultural aspects accepted as a model for women of the time, as well as dwelling on the life experience of its creator, William Marston, who directed the act of her creation. We also analyzed the socio-cultural context that resulted in the cinematographic creation of the superheroine in contemporary times. For this, we are guided by the studies of cinema and gender issues, and we use as methodological procedures the bibliographic analysis and the comparative analysis between the characteristics present in the premiere of the comic books and in the film *Wonder Woman* (2017), in order to identify and perceive the similarities and differences in the discourses of social representations about the character *Wonder Woman*, addressing the visual characterizations and the socio-cultural context of each period.

Keywords: Wonder Woman; Feminism; Patriarchate; Representation; Cinema.

1 | INTRODUÇÃO

A Mulher-Maravilha, considerada um ícone das histórias em quadrinhos, foi criada no contexto da 2ª guerra mundial para reforçar os valores de justiça. William Moulton Marston, seu criador, pretendia criar uma super-heroína que unisse o patriotismo americano, e os ideais do movimento sufragista. As características da Mulher-Maravilha eram a força, o empoderamento feminino, a luta pelas pessoas inocentes, contra toda submissão, e também participante de discussões políticas e sociais. Esse perfil era contrário ao ideal de mulheres da época, recatadas, submissas à família, e ao marido.

A mídia utilizou as histórias em quadrinhos (HQs) para disseminação da propaganda militar por ser fortemente popular, de acordo com Andrade (2012, p.20). A Mulher-Maravilha foi criada com essa intenção, pela editora DC comics, ou *Detective Comics, Inc.* Ela foi inovadora na época por protagonizar uma mulher e teve sua primeira aparição na revista *All Star Comics #8* em dezembro de 1941, criada por William Moulton Marston, um psicólogo com ideais sufragistas. Para Andrade (2012, p. 24 e 25), a editora considerava a Mulher-Maravilha como o equilíbrio e a força moral, defensora dos oprimidos, justiça, agindo mais racionalmente.

A partir desta introdução, abordaremos o processo de construção da personagem Mulher-Maravilha, compreendendo sua conexão com o sufragismo e a vida de seu criador William Marston, bem como as relações entre os ideais socioculturais atribuídos ao comportamento das mulheres e como ela se colocava sobre esse padrão. Dialogaremos com autoras/es que tratam sobre o tema, principalmente as especialistas na história da Mulher-Maravilha e do sufragismo Jill Lepore e Ana Flávia Pereira Andrade. A metodologia será de análise bibliográfica, com artigos e livros.

Em seguida faremos uma análise comparativa entre o mundo real, no âmbito social e particular, e o mundo fictício – o filme Mulher Maravilha, de 2017 – para entender suas relações. O foco será a representação social da Mulher-Maravilha, associando como as significações nas HQs, são reconfiguradas e ressignificadas na nova produção. Assim, buscamos compreender as diferenças na representação social e visual da super-heroína.

2 | Contextualização e aspectos socioculturais

No final do século XIX e começo do XX emergiu o movimento sufragista, originário no Reino Unido, e que influenciou diversos países – tanto na Europa, quanto nos Estados Unidos e no Brasil – a aderirem principalmente ao voto feminino. O movimento se embasava da seguinte forma:

A reivindicação do sufrágio era estender o direito de voto às mulheres, pois, já que as leis se aplicavam a elas, era lógico que tivessem também o direito de participar na escolha de quem era responsável pela elaboração dessas leis. [...] Essa igualdade política [...] futuramente possibilitaria que mulheres ocupassem cargos políticos importantes. [...] garantindo assim a proteção, dignidade, liberdade e emancipação. (ANDRADE, 2012, p. 28-29).

Na Inglaterra duas organizações sociais sufragistas se destacaram, a *National Union of Women's Suffrage Societies* (NUWSS), que adotou uma linha moderada, constitucionalista e pacifista. E a *Women's Social and Political Union* (WSPU), organização radical, patriota e com protestos violentos.

A Mulher-Maravilha possui características advindas das duas linhas de luta sufragistas, em sua construção psicológica. Nela contém a prevalência da justiça e o pacifismo característico da NUWSS, agindo racionalmente, tentando dialogar ao invés de agredir, porém não hesitando lutar quando não há outra solução, fazendo-se ouvir pela agressividade, sem se silenciar ou submete-se às injustiças, então, age pela igualdade de forma hostil, como a WSPU.



Figura 1: Sensation Comics #1 – 1942

Fonte: DC Comics

Abreu (2002) aponta que o sufrágio americano ganhou importância em 1902, com a *International Women's Suffrage Alliance*, liderada por Susan B. Anthony, que seguia a linha pacifista da NUWSS. Mas foi o radicalismo de Alice Paul e Lucy Burns, com o *The Congressional Union*, que levou visibilidade ao movimento. Contudo, o sufrágio americano só foi votado quando adotou métodos mais passivos, de acordo com Karawejczyk (2013, p. 4).

A Mulher-Maravilha é inspirada no sufrágio feminino americano por ser originária dali. Como a frente pacifista prevaleceu no país, essas características são mais evidentes na super-heroína, mesmo que ela adote um pouco do radicalismo. O fator patriota na personagem tem um pouco de sua origem no sufrágio radical, que incentivava a luta na guerra, relacionando com a propaganda militar americana, sendo visto nas primeiras revistas da Mulher-maravilha, com a personagem saindo de Themyscira para lutar contra as injustiças da guerra.

3 | William Marston e as influências em suas criações

A Mulher-Maravilha foi uma das maiores criações de William Moulton Marston, psicólogo consultor da *DC Comics*. As HQs de super-heróis estavam sendo boicotadas na época pelas mídias, considerando-as fascistas devido a extrema violência. Segundo Lepore (2017, p. 232) para reverter essa situação Marston propôs a criação de uma personagem super-heroína, uma mulher superior aos homens, para combater a violência dos personagens masculinos:

Falta aos heróis masculinos, por melhor que seja, as qualidades do amor materno e o carinho [...] O ingrediente mais importante da felicidade humana ainda está em falta: o amor. É inteligente ser forte. É grandioso ser generoso. Mas é afeminado, conforme regras exclusivamente masculinas, ser carinhoso, amável, afetuoso e sedutor. [...] nem as meninas vão querer ser meninas enquanto nosso arquétipo feminino não tiver robustez, força e poder. Ao não quererem ser meninas, elas não querem ser carinhosas, submissas, amantes da paz como são as boas mulheres. [...] A solução óbvia é criar uma personagem feminina com toda a força do Superman e todo o fascínio de uma boa e bela mulher. (Apud LEPORE, 2017, p. 232).

Marston reafirma a prerrogativa patriarcal de que uma verdadeira mulher só existe se for “carinhosa, submissa e amante da paz”. Ele pretendia criar uma personagem feminina socialmente aceita. No entanto, era importante que ela tivesse robustez, mantendo-se feminina, para ser superior aos homens. Outra característica marcante da Mulher-Maravilha é o amor. Seu amor por Trevor, um combatente da aeronáutica americana, e seu imenso amor à vida faz com que ela lute pelas pessoas inocentes. Ser detentora da paz, faz referência a intenção presente nas sufragistas americanas, mas também eram atributos de uma boa mulher.

A psicologia de Marston também se apresenta na Mulher-Maravilha, o Laço da Verdade faz referência a um dos exames do polígrafo, criado pelo psicólogo. William

Marston era psicólogo, professor, cientista, advogado e cineasta. Possuía relação bígama com duas mulheres, Elizabeth Holloway e Olive Byrne, sufragistas, feministas e defensoras do controle de natalidade. Marston conheceu os pensamentos sufragistas e aderiu ao movimento. Isso inspirou a criação da super-heroína nos moldes da luta.



Figura 2: Mulher Maravilha: A Era de Ouro vol. 1 - Capa da HQ

Fonte: *DC Comics*.

Sadie Elizabeth Holloway possuía interesse no grego, aumentando sua afinidade com a língua e a cultura antiga ao longo dos anos. Esse apreço foi fundamental para a origem da Mulher-Maravilha. Por frequentar a faculdade, em 1911, Holloway se encaixava no termo Amazona, referindo-se às mulheres consideradas rebeldes por irem à universidade, tendo uma vida independente. Também era “Feminista”, apoiava uma visão de igualdade de gênero em relação aos direitos e liberdades das mulheres, de acordo com Lepore (2017). Ela foi influenciada pela poetisa grega Safo, que tematizava o sofrimento do amor romântico, sem limitar o amor ao gênero, incondicional (BBC News, 2019, s/p). Holloway participou na criação da Mulher-Maravilha tanto em suas características, como a independência e a determinação pela liberdade e justiça, quanto na origem da personagem, advinda do apreço de Holloway aos temas gregos.



Fonte: Fotograma do Filme “Mulher Maravilha” (2017)

Figura 3: Fotograma do filme

Mary Olive Abbot Byrne também foi fundamental na criação da Mulher-Maravilha. Era feminista e na universidade ajudou sua tia, Margaret Sanger, líder da luta pelo controle de natalidade, a disseminar o movimento. Era considerada livre-pensadora e radical. Byrne influenciou a origem da Mulher-Maravilha devido sua luta pelo controle de natalidade, buscando o direito à liberdade. Assim como a super-heroína, possuía um pouco de radicalismo, era um forte suporte moral e agia sem hesitar, qualidades presentes na super-heroína. Os braceletes da Mulher-Maravilha fazem uma relação entre essa liberdade estimada por Byrne, por representar algemas rompidas, e fisicamente por representar um par de braceletes ao qual ela usava constantemente na sua vida, simbolizando-a.



Figura 4: Os braceletes representam grilhões soltos. Sessões de fotos.

Fonte: IMDB

Pessoas vinculadas a Mary Olive Byrne também inspiraram a Mulher-Maravilha. Uma delas é Margaret Sanger, a qual defendia que o controle de natalidade traria a libertação do espírito feminino, provocando nas mulheres a individualidade, principalmente sexual, a maternidade voluntária e a força da natureza feminina, fonte de amor, referenciando Safo. Seu discurso ajudou na filosofia da Mulher-Maravilha, que também acreditava no amor, na paz, que o mal pereceria diante do amor. Marston acreditava que o amor era natural da mulher.

Diversas pessoas inspiraram a concepção da Mulher-Maravilha. As principais relacionadas foram William Marston, Elizabeth Holloway e Mary Olive Byrne. De acordo com (LEPORE, 2017), Marston não sabia criar histórias do irreal, sempre colocava um pouco de sua vida em suas criações, e cada característica da super-heroína possuía dualidade de significações.

4 | Representação da mulher-maravilha no filme de 2017

A Mulher-Maravilha só teve destaque cinematográfico em 2017, com seu filme solo, produzido pela *Warner*, na qual possui início semelhante às histórias em quadrinhos, mostrando sua origem e sua defesa ao mundo, no entanto, contra a 1ª Guerra Mundial.



Figura 5: Cartaz do filme

Fonte: IMDB

Muitas significações podem ser interpretadas durante o filme, tanto pela sua representação feminina, quanto pela linguagem corporal e indumentária da personagem. Rago (1995, p.11) aponta que a sociedade não acredita na efetividade do feminismo, pois aparentemente as mulheres têm possibilidades profissionais e sociais iguais aos homens. Há muito desconhecimento ou descrença nas conquistas femininas provenientes do feminismo, credibilizando a meritocracia como fator principal para a autonomia feminina atual.

Rago (1995, p. 15) descreve que esse pensamento conduziu ao esquecimento de grande parte da historiografia das mulheres, suas ações e concretizações. Esse blecaute influenciou o feminismo contemporâneo, que buscava os motivos das omissões patriarcais ao poder feminino. Interpretações possíveis é a crítica e denúncia do feminismo, que conseqüentemente, pode ser considerado uma ameaça à dominância masculina.

O feminismo contemporâneo, de acordo com Andrade (2012, p.33), foca no conceito de escolha, sendo as mulheres capazes de decidirem, de forma independente, o que diz respeito às suas próprias vidas. “Uma mulher não deve estar sujeita a nenhum tipo de repressão ou opressão, mas também não precisa abdicar de coisas que talvez deseje fazer

porque essas ações sejam similares ao que propõe a sociedade patriarcal.” (ANDRADE, 2012, p.34). As mulheres prezam o direito de serem donas do próprio corpo e sexualidade.

A Mulher-Maravilha (2017) foi influenciada pelo feminismo contemporâneo. No entanto, alguns momentos da trama começaram a criar dualidades quanto a sua representação, tanto psicológica quanto física, o que criou divergências entre as feministas do que poderia ser considerado uma visão patriarcal ou não. Kaplan (1995) discute como desenvolveu-se a crítica cinematográfica feminista para combater o olhar masculino sobre o papel da mulher dentro do cinema, por vezes inferiorizadas em suas funções representativas, relegadas a representar personagens rasas e sem protagonismo, com um destaque coisificado, sensualizado e degradado, apenas para a atração sexual e visual masculina.

Alguns detalhes do filme foram bastante discutidos pela mídia sobre até que ponto a personificação da super-heroína no cinema poderia representar uma liberdade feminina ou apenas uma repetição de ações e visuais para o agrado masculino, como sua vestimenta curta e justa ao corpo, ou sua relação com Steve Trevor. Todos os argumentos foram justificados pelo ponto de vista de produção da diretora, da figurinista e da atriz principal do filme.

A crítica feminista ao cinema refletiu na produção do filme da Mulher-Maravilha em 2017, considerado inovador em sua organização, por ser a primeira filmagem cinematográfica de sucesso dentro do universo das HQs que protagonizava uma mulher, e por ser produzido por uma mulher, Patty Jenkins, que junto à figurinista Lindy Hemming, transformaram a super-heroína, no que foi considerado pela grande maioria, uma forte representação feminista.

A produção cinematográfica embasava criticamente sua origem, sua vestimenta, as ações e atitudes da personagem. Não acompanhava majoritariamente a idealização sexual, sua sensualidade era voltada para a liberdade de vestimenta feminina, de acordo com Andrade (2012). A forma de agir da Mulher-Maravilha não visava a delicadeza em seus movimentos para trazer feminilidade, como a forma de correr e os icônicos braços cruzados quando utiliza os braceletes, configurados próximos a um sinal de defesa do que apenas um gesto.

O intuito geral do filme se centra na sua independência comportamental e indumentária, sendo visto em cenas como no início da história em que ela escolhe suas roupas após chegar em Londres. No entanto, os conceitos patriarcais estão indiretamente inseridos na narrativa, como a forma que a armadura se comporta em seu corpo, ainda fetichizado.



Figura 6: Fotogramas em que Diana escolhe roupas.

Fonte: IMDB

A atriz escolhida para compor o papel da super-heroína, Gal Gadot, é Miss Israel, o que perpetua o papel da beleza ideal, mas também já fez parte do exército de seu país. Esse preparo militar corrobora com a profissão militar da Mulher-Maravilha das HQs, relacionando a parte de feminilidade e robustez que seus criadores desejavam. Esse detalhe fez com que as cenas de luta do filme pareçam mais reais e naturais, representando mais a força e o poder.

Os (as) personagens das histórias em quadrinhos tendem à perfeição e são reflexos da cultura em que estão inseridos(as). A Mulher-Maravilha de 2017, com seu filme solo, também sustenta esses padrões sociais, pois necessitava-se uma inserção maior das mulheres no cinema. As cineastas decidiram fornecer uma imagem que tornassem as mulheres belas e fortes, sem a influência do olhar masculino na narrativa fílmica. Desde sua primeira aparição apresentava a intenção de mesclar força e beleza, robustez e feminilidade. No filme, Diana acompanha a desconstrução da imagem feminina impotente, de delicadeza e vítima. Seu comportamento e configuração corporal se opõe ao estereótipo masculino de mulher submissa feita para o olhar masculino. Ela luta sem se preocupar em ser feminina e sim por seus ideais.

Não há como fugir de uma idealização social, no caso ela se insere à luta feminista. E a Mulher-Maravilha evoluiu desde seu surgimento, na estilização corporal e indumentária. Inicialmente, nas HQs, ela fora desenhada por Harry G. Peter e pensada por William Marston, ambos homens. Lepore (2017, p.237) ao descrever a formação da Mulher-Maravilha cita que Marston o escolhera como ilustrador pois ele sabia “das coisas da vida”.

[...] esta nova super-heroína teria que ser linda; ela usaria uma tiara, como a coroa que se dá à miss América. Marston queria que ela se opusesse à guerra, mas teria que se dispor a lutar pela democracia. Na verdade, ela teria que ser superpatriota. [...] Assim como o Capitão América – por causa do Capitão América –, a Mulher Maravilha também teria que vestir vermelho, branco e azul. Mas de preferência, teria que vestir poucas roupas. Para vender mais, Gaines queria que sua supermulher fosse o mais nua possível. (LEPORE, 2017, p. 241/42).

Marston pretendia que a Mulher-Maravilha se parecesse com uma *pin-up*, esbelta e com pernas compridas. Uma mulher feita para o olhar masculino, mas que também se encaixava à liberdade indumentária por ir contra a castidade corporal.

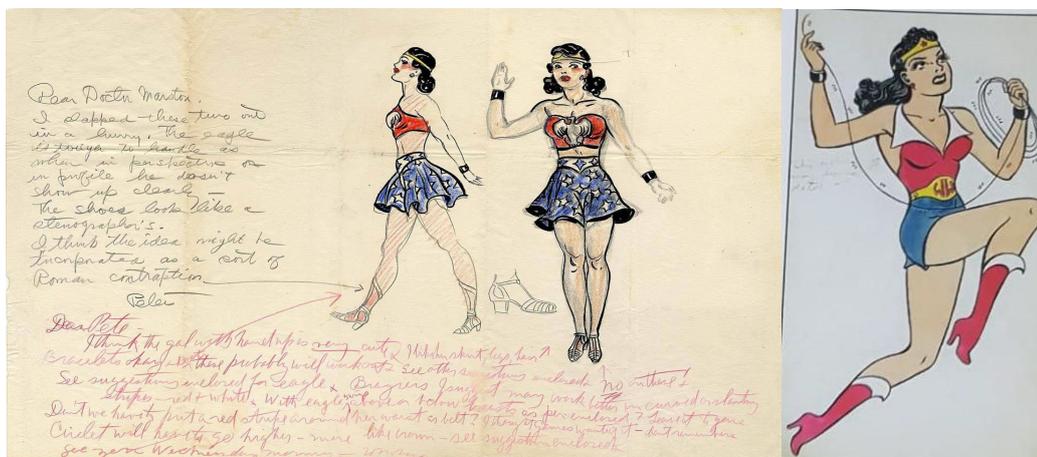


Figura 7: Primeiro Esboço e segundo Esboço.

Fonte: OLIVEIRA, 2018, p. 57 e 58.

A representação da Mulher-Maravilha dentro do cinema se desconstruiu mais. Oliveira (2018, p.63/64) aponta que a figurinista responsável pela caracterização da personagem no filme de 2017, Lindy Hemming defendeu a escolha do figurino, pesquisando intensamente nas HQs da super-heroína. Ela afirma que a vestimenta da Mulher-Maravilha se assemelha a vida real, como as roupas de academias como um direito de escolha, mas justificando que não foi pensado sem um motivo. A intenção era criar uma armadura que também fosse prática e funcional, devido ao seu estilo de luta atlética, mas ao mesmo tempo indicasse sinais de sensualidade e elegância.

Ao ater-se nos detalhes, Oliveira (2018, p. 67) discorre sobre as cores não vibrantes, em parte porque a Mulher-Maravilha não vai para os Estados Unidos na época da 2ª Guerra Mundial, como nas HQs, e sim a Londres na 1ª Guerra Mundial. Esse detalhe é passível de uma interpretação menos patriota americana, pretendido originalmente. A armadura possui um decote menor, o material é rígido, demonstra mais durabilidade e resistência, o corpo da atriz é menos marcado, mas bem delineado. As iniciais “WW” (*Wonder Woman*) é mesclado ao símbolo da águia no decote, também se distanciando do patriotismo.



Figura 8: uniforme da Mulher-Maravilha no filme, 2017.

Fonte: IMDB

A autora também aponta que a indumentária da personagem possuía bases sustentáveis, aparentando ser uma guerreira, a armadura é inspirada na cultura Greco-romana, mesclando o figurino original da super-heroína. No filme, as botas tradicionais são substituídas por outras feitas de ferro, trocando o salto fino por plataforma, e no comprimento da bota colocou-se grevas romanas, utilizadas pelos gregos como proteção nas batalhas. As armaduras das Amazonas se baseavam na cultura. Hemming adaptou a vestimenta colocando uma placa de ferro em um dos peitorais para que comportasse o tiro de arco e flecha, solucionando a mitologia no qual as guerreiras retiravam um dos seios para manusear melhor a arma.



Figura 9: Armadura Amazona no filme Mulher-Maravilha (2017).

Fonte: IMBD

A corporificação de Gal Gadot também se difere da Mulher-Maravilha original. Os padrões de beleza se alteram com o tempo, contudo, todas as versões apresentadas representam *misses*. Entretanto, quando a atriz fora selecionada e anunciada ao público como a nova Mulher-Maravilha, houve certa rejeição daqueles(as) que eram fãs das histórias em quadrinhos, por não seguir o padrão corporal da personagem dentro dos quadrinhos, que se mantinha em um corpo extremamente curvilíneo, seios avantajados e olhos azuis.

Outra característica perpetuada no filme é o amor, presente em todas as representações da Mulher-Maravilha. Todavia, ela se difere das HQs. Ela ainda é movida pelo sentimento, mas, ao contrário das anteriores que se apaixonaram por Steve Trevor à primeira vista, no filme ela impulsiona-se pelo amor à humanidade. Ela apaixona-se pelo combatente posteriormente.

5 | Considerações finais

Este trabalho teve a intenção de comparar as diferenças entre a representatividade da Mulher-Maravilha na sua origem nas histórias em quadrinhos, em 1941, e no filme “Mulher-Maravilha” de 2017. A super-heroína, criada com os ideais da luta sufragista, acabara tornando-se ícone por sua independência e liberdade. Esse arquétipo perpetuou-se na cinematografia.

Era pacifista como uma “boa mulher”, lutava pelo amor, tanto à humanidade quanto ao homem que amava. A super-heroína equilibrava força e feminilidade, dando margem à escolha. Ela demonstrou a importância do protagonismo como forma de luta feminista contra o patriarcado e em busca da ampliação de direitos para as mulheres. Ela é considerada um ícone há mais de setenta anos por inspirar as mulheres a serem fortes de múltiplas formas.

A Mulher-Maravilha da produção cinematográfica apresenta dualidades assim como em sua origem. Mas ela desconstruiu preconceitos e estereótipos existentes à sua imagem. Ela é pacifista, poderosa e angelical como a “boa mulher” idealizada de Marston, mas nega qualquer pretensão e submissão patriarcal. Equilibraram a parte de ser *miss* e guerreira, a liberdade indumentária e não promete patriotismo à ninguém, lutando pela humanidade como um todo.

REFERÊNCIAS

ABREU, Zina. Luta das mulheres pelo direito de voto: movimentos sufragistas na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos. **Arquipélago**: História, Madeira, v. 6, p.443-469, 2002. Disponível em: <https://repositorio.uac.pt/bitstream/10400.3/380/1/Zina_Abreu_p443-469.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2019

ANDRADE, Ana Flávia Pereira. **Grande Hera!**: A representação do feminino na Mulher - Maravilha. 2012. 81 f. Monografia (Bacharel) - Curso de Comunicação Social – Audiovisual, Universidade de Brasília, Brasília, 2012. Cap. 1 a 3. Disponível em: <http://bdm.unb.br/bitstream/10483/4234/1/2012_AnaFlaviaPereiraAndrade>.

pdf>. Acesso em: 13 maio 2019.

KARAWEJCZYK, Mônica. As *suffragettes* e a luta pelo voto feminino. **História, Imagem e Narrativas**, Rio Grande do Sul, v. 17, p.2-24, out. 2013. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/4887448-As-suffragettes-e-a-luta-pelo-voto-feminino.html>>. Acesso em: 21 jun. 2019.

KAPLAN, Ann. **A mulher e o cinema. Os dois lados da câmera**. Editora Artemídia Rocco: Rio de Janeiro, RJ, 1995.

LEPORE, Jill. **A história secreta da Mulher-Maravilha**. Brasil: Best Seller, 2017. 480 p. Erico Assis

MULHER-MARAVILHA. Direção de Patty Jenkins. Produção de Charles Roven, Deborah Snyder, Zack Snyder, Richard Suckle. Roteiro: Allan Heinberg. Estados Unidos da América: Warner Bros. Pictures, 2017. (141 min.).

OLIVEIRA, Marianna Costa. **Mulher Maravilha: corpo e figurino nas representações visuais da personagem na série de televisão e no filme**. 2018. 78 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Comunicação e Linguagens, Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2018. Disponível em: <<https://tede.utp.br/jspui/bitstream/tede/1613/2/MULHER%20MARAVILHA.pdf>>. Acesso em: 24 out. 2019.

RAGO, Margareth. Adeus ao Feminismo?: Feminismo e (Pós)Modernidade no Brasil. **Cadernos Ael**, v. 3/4, p.12-43, 1995/1996. Disponível em: <<https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/ael/article/view/2612/2022>>. Acesso em: 24 out. 2019

Safo, a poeta da ilha de Lesbos. BBC News, 21 de abril de 2019. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-47955780>>. Acesso em: 24 de abril de 2019.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Agenciamento Criativo 117, 120, 128

Ambiguidade Visual 1, 5, 13

Análise Musical 130, 202

Andragogia 94, 95, 96, 97, 103, 104

Aprendizado Musical 105, 109, 110, 111, 114

Arte 2, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 17, 18, 21, 25, 28, 33, 34, 35, 36, 37, 39, 40, 41, 43, 45, 46, 47, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 84, 96, 99, 103, 117, 130, 132, 143, 144, 146, 147, 148, 149, 150, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 170, 171, 172, 173, 174, 185, 186, 189, 191, 196, 202, 203, 207, 212, 213

Artes Visuais 35, 48, 73, 74, 159, 185

B

Biogravura 158, 160, 162, 166

Borboleta 158, 162

C

Ciência 2, 3, 6, 15, 80, 82, 83, 84, 85, 87, 92, 96, 103, 106, 115, 121, 158, 159, 160, 161, 163, 164, 165, 166, 177, 180, 182, 186, 189

Cinema 34, 35, 48, 49, 55, 56, 57, 60, 73, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 90, 91, 93, 144, 205, 207, 212

Cognição 105

Compositores Brasileiros 61, 66, 68, 69, 70, 193

Corpo 16, 17, 18, 19, 20, 21, 23, 27, 40, 44, 55, 57, 59, 60, 88, 106, 107, 108, 120, 122, 124, 127, 128, 129, 163, 164, 167, 168, 169, 174

Cravo Brasileiro 61, 66, 69

Cravo no Brasil 61

Cultura Visual 12, 14, 24, 26, 27, 28, 31, 32, 33, 143, 144, 145, 146, 148, 149, 150

D

Deficiência Visual 72, 73, 74, 77, 80

Desenho 21, 23, 25, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 80, 164, 172

Desenvolvimento 2, 24, 25, 26, 38, 73, 74, 76, 80, 95, 98, 100, 101, 102, 105, 106, 107, 108, 109, 111, 113, 114, 115, 116, 132, 145, 146, 153, 156, 159, 174, 177, 178, 179, 205

Dispositivo 8, 73, 117, 119, 120, 121, 122, 124, 127, 128, 129, 187

Drag 16, 17, 18, 19, 20, 21

E

Educação 24, 33, 47, 48, 75, 77, 80, 94, 100, 102, 103, 104, 116, 143, 144, 145, 148, 150, 157, 183, 185, 213

Educação Musical 94, 95, 97, 102, 103, 104, 178

Epistemologia 1

Epizeuxis 130, 131, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141

Estudos Culturais 34, 35, 36, 143, 144, 146, 148, 149, 150

Experiências 5, 17, 27, 29, 31, 32, 38, 67, 72, 74, 76, 77, 78, 80, 85, 87, 106, 108, 129, 143, 146, 148, 156, 176, 194, 206, 211

F

Família 36, 37, 42, 49, 79, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 170, 173

Feminismo 23, 46, 48, 54, 55, 60

Formação 4, 25, 26, 33, 56, 77, 85, 94, 95, 96, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 145, 146, 149, 157, 159, 163, 167, 176, 195, 202

Fotografia 24, 25, 26, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 43, 44, 73, 91

Funções Executivas 105, 106, 107, 108, 109, 113, 114, 115

G

Gênero 17, 18, 19, 23, 34, 35, 36, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 46, 47, 48, 52, 67, 82, 84, 85, 87, 88, 91, 93, 124, 147, 149, 150, 168, 192, 193, 194, 196, 197, 198, 202

H

Heterogênese 117, 120, 127, 128, 129

História da Arte 1, 2, 3, 5, 6, 12, 13, 14, 15, 167, 170, 174, 185, 191

I

Identidade 6, 19, 23, 35, 42, 43, 46, 74, 82, 104, 147, 150, 163

Imagem 2, 3, 4, 5, 6, 11, 12, 13, 14, 15, 19, 25, 26, 28, 29, 30, 31, 35, 56, 59, 60, 74, 79, 122, 144, 146, 148, 150, 164, 168, 170, 173, 174, 185, 186, 189, 190, 191

Infância 10, 99, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 113, 115, 181

Inquietações 1, 2, 25, 147, 197

Inteligência Musical 94, 95, 98, 99, 102

M

Memória 6, 70, 72, 73, 74, 76, 77, 78, 80, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 194

Metamorfose 158, 162

Mulher-Maravilha 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60

Musica Colonial Brasileira 130

O

Olhar 6, 12, 14, 24, 25, 27, 28, 30, 31, 32, 33, 55, 56, 57, 73, 101, 134, 146, 149, 153, 166, 167, 168, 186, 187, 188, 190

P

Patriarcado 48, 59

Política 16, 17, 19, 23, 50, 149, 197, 205, 209

Professores 31, 33, 66, 79, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 144, 145, 154, 172, 178

R

Representação 5, 13, 17, 19, 28, 34, 35, 36, 39, 40, 48, 50, 54, 55, 57, 59, 84, 164, 167, 168, 169, 170, 172, 189, 191

Retórica Musical 130

S

Séculos 20 e 21 61

Simetria 19, 158, 162, 163, 164

V

Visualidades 26, 27, 28, 33, 34, 35, 36, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 46, 72, 73, 77, 143, 144, 146, 147, 148, 149, 150

Arte Comentada 3

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](#) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Atena
Editora

Ano 2020

Arte Comentada 3

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Atena
Editora

Ano 2020